



PORTO dos CAVALEIROS

N.º 3 • Dezembro 2002

Jornal de Lamas de Mouro • Director: José Domingues • E-mail: portocavaleiros@hotmail.com • Preço: 0,50 €

O Brasão da freguesia de Lamas de Mouro:

No Diário da República de 19 de Novembro de 2002, III Série, foi publicado o parecer de 22 de Agosto de 2002, emitido pela Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sobre a constituição do brasão da freguesia de Lamas de Mouro, concelho de Melgaço. O conteúdo desse parecer é o seguinte:

BRASÃO: escudo verde, dois crescentes de ouro alinhados em faixa, entre Agnus Dei de prata nimbado de ouro, sustendo uma haste crucífera de ouro, com lábaro de prata carregado de uma cruz firmada de vermelho, em chefe e ponte de um arco de prata, lavrada de negro, movente dos flancos, em campanha. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com legenda a negro: "LAMAS DE MOURO".

BANDEIRA: branca. Cordão e borlas de prata e verde. Haste e lança de ouro.

SELO: nos termos da Lei, com a legenda: "Junta de Freguesia de Lamas de Mouro – Melgaço".

Para que todos possam entender melhor os símbolos representados nesse brasão, passamos a expor alguns apontamentos acumulados durante a constante busca de referências documentais cronológicas deste torrão:

1 – Os crescentes, são um símbolo mourisco, que representa a pretensa vitória sobre os mouros, acontecida em Lamas de Mouro.



O primeiro autor a atribuir a Lamas de Mouro a grande vitória dos cristãos sobre os mouros, no tempo de D. Afonso II de Leão o Casto, parece-me ter sido o autor oitocentista do Minho Pitoresco, José Augusto Vieira. Por se tratar de bibliografia pouco acessível e para que todos possam ajuizar das suas palavras, aqui fica o seu traslado:

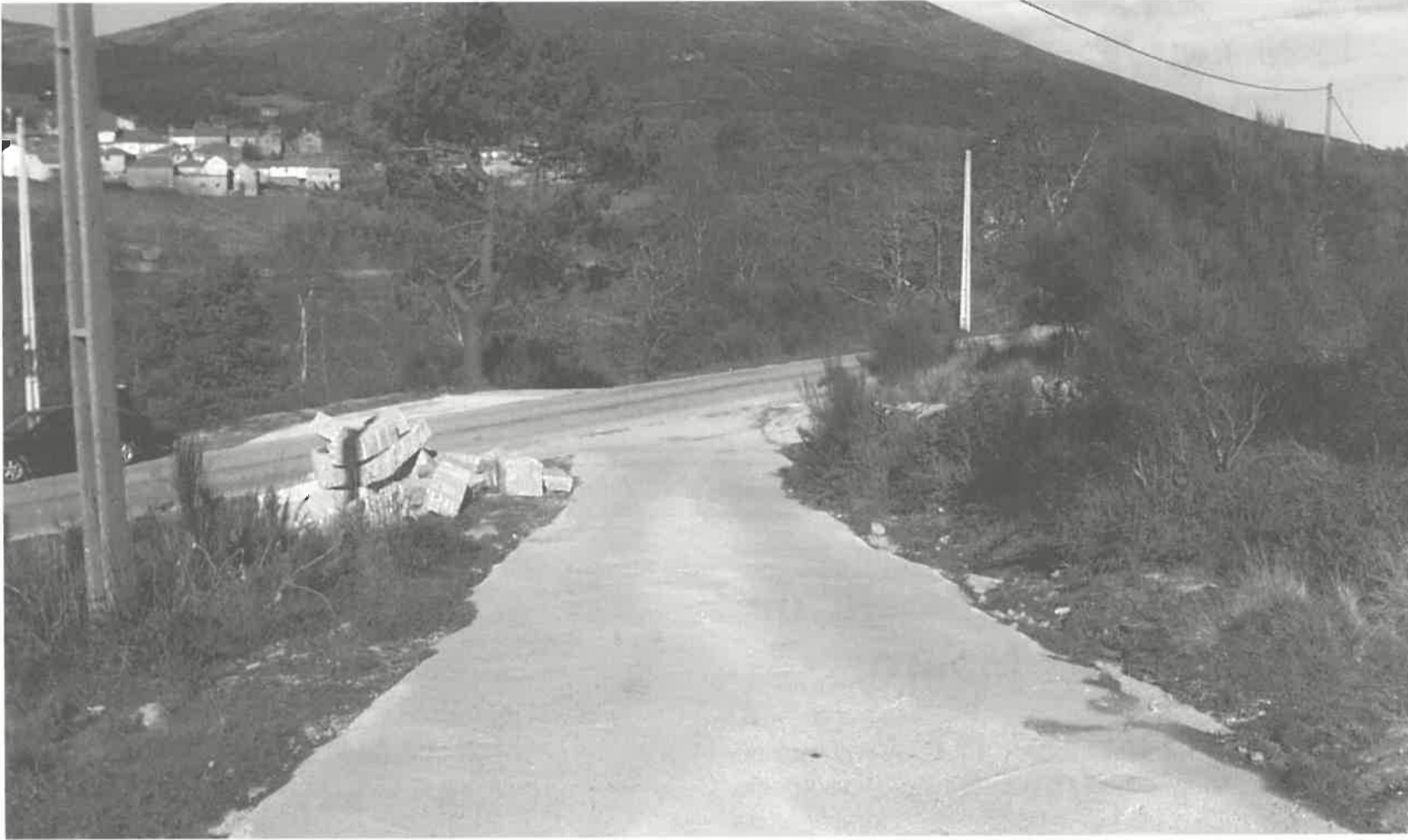
"Lamas de Mouro foi o campo de combate, em que Affonso o Casto de Leão, ou

(Cont. Pag. 3)

Sumário

O Brasão da Freguesia de Lamas de Mouro....	Pág. 1
Breves	Pág. 2
Imagens do séc. passado	Pág. 4
Etnografia e Folclore	Pág. 5

BREVES



No passado mês de Agosto a Junta de freguesia cimentou o caminho desde a estrada nacional até ao Alto do Teso.

Está em fase de conclusão a construção de uns balneários, junto à antiga escola primária.

Continuam em bom andamento as obras das portas de entrada de Lamas de Mouro. No entanto não podemos deixar de lamentar o uso excessivo do cimento. Afinal qual é a diferença de construir em zonas protegidas? Onde está o tão apregoadado conceito das *"aldeias graníticas"*? Não estará aberto um precedente para que o PNPG não mais possa impedir as tão combatidas construções de particulares em cimento?



A obra ainda não está concluída, mas a agressão ao património natural parece evidente e irremediável.

melhor o seu parente e vassallo Bernardo del Carpio desbaratou a Ali-Atou, rei de Cordova, causando-lhe uma perda, que os historiadores crendeiros calculam em 70. 000:000 homens!

O sitio da batalha ainda hoje conserva o nome de Lucto ou Lagrimas do Mouro.”

[VIEIRA, José Augusto – O Minho Pitoresco, vol. I, Lisboa, 1866, p. 13]

Acredito que José Augusto Vieira, que palmilhou as calçadas árduas destes caminhos agrestes, tenha colhido directamente da voz do povo (que tudo o que desconhece procura explicar com mouros) uma versão próxima da que redactou, mas, com certeza, não tão pormenorizada em números e nomes.

Uma versão diferente, mas mais popular, se pode ler no periódico local de Castro Laboreiro, do início do século passado (Janeiro de 1921) – a Neve:

“O nome Lágrimas do Mouro foi devido às lágrimas e choros que um mouro ali proprietário derramou quando foi expulso das terras portuguesas sob pena de abandono das suas crenças.

Abandonou a sua terra, as suas propriedades, chorou, mas perma-neceu firme à sua crença. E tão amargas, tão sentidas foram as suas lágrimas e tão solenes os gritos da sua despedida que deram o nome aquela localidade – Lágrimas de Mouro, depois corrom-pido em Lamas de Mouro”

Mas a versão que prevaleceu foi a mais erudita, de José Augusto Vieira, posteriormente seguida de perto pelo coetâneo Pinho Leal, que reconhece o exagero na mortandade dos infiéis. Os investigadores melgacenses, “Mário” e P.º Bernardo Pintor, referem-na em artigos avulsos publicados na Voz de Melgaço. Também o nosso saudoso Amigo e conterrâneo, Manuel José Pereira, a refere nos seus apontamentos publicados no primeiro n.º deste jornal, e outros escritos se poderiam aduzir, mas é evidente que todos, directa ou indirectamente, bebem na mesma fonte – José Augusto Vieira.

Os relatos das vitórias cristãs sobre o Alcorão, foram sempre relatadas por autores bastante mais recuados, como é o caso de Fr. Bernardo de Brito, que na sua Monarquia Lusitana refere, com pormenores deliciosos, a dita vitória de Bernardo del Carpio, mas em nada serve, antes pelo contrário, contesta a localização dessa sangrenta batalha em território desta freguesia [Cfr. Monarquia Lusitana, Lisboa, 1597, 1.ª Parte, Livro VII, capítulo XI]. Quer-me parecer que o local apontado por este historiador, muito pouco acreditado, é lá para os lados de Lamego.

Agora, sabendo que o autor do Minho Pitoresco era pessoa culta e prudente historiador, onde terá ele

ido buscar o fundamento para a sua alteração. O triunfo das hostes cristãs em época tão recuada (século IX) consta do *Cronicon Sebastiani* [publicada no vol. 13 da Espanha Sagrada, de Henrique Florez], que realmente refere o local de *Luctus*, daí à associação a Lamas, onde o autor deparou com uma lenda toponímica dos inimigos da fé cristã foi um pequeno passo. No entanto esse *Luctus* das crónicas da reconquista, por vezes eivadas de fábulas, nada tem a ver com *Lamas*, uma vez que se trata da cidade galega de *Lugo*, que, efectivamente, foi conquistada por D. Afonso II de Leão.

De qualquer forma, se não podemos acreditar nesta batalha como mais um fausto verídico na historiografia de Lamas de Mouro, a verdade é que a lenda poética ficou a apadrinhar esta alpestre aldeia minhota e agora serve de motivo para a composição do seu brasão.

2 – O Agnus Dei (carneirinho segurando a bandeira) representa o padroeiro S. João Baptista.

A única coisa que me ocorre dizer sobre o facto de ser S. João Baptista o orago desta freguesia é a coincidência de ser também este santo o patrono da Ordem dos Cavaleiros de S. João do Hospital de Jerusalém, posteriormente, Ordem de Malta.

Esta freguesia foi couto desta Ordem religioso-militar, desde os recuados séculos da Idade Média, até à extinção destas ordens em 1834 e tudo leva a crer que tenham sido estes monges guerreiros os fundadores da sua igreja. Ao certo sabemos que em 1355, o padroado da igreja de Lamas de Mouro já pertencia à Ordem do Hospital, apresentando, o prior da Ordem em Portugal, Estevão Anes, de Ceivães, para pároco da dita igreja, sendo esta apresentação confirmada pelo bispo de Tui, D. João. Por documento de 1362, Setembro, 29, o dito prior apresentou Gonçalo Nunes, de Melgaço, para pároco desta igreja, vaga por morte de Estevão Anes, confirmando a apresentação D. João, bispo de Tui.

3 – A ponte de um arco representa a ponte de Porto Ribeiro, sobre o rio que nasce nesta freguesia – o Mouro.

As informações que poderíamos prestar sobre este monumento já foram apresentadas no artigo publicado no n.º1 deste periódico, pelo que para ele remetemos o leitor interessado, insistindo, mais uma vez, no erro daqueles que consideram esta ponte de construção romana ou românica.

Este brasão, juntamente com outros, podem ser vistos no endereço electrónico www.freguesiasdeportugal.com.

[José Domingues]

“Imagens do Século Passado.”

Cada imagem é um testemunho inabalável de uma memória que o tempo não conseguiu apagar. Gravados na fragilidade do papel ficaram vetustos usos e costumes, tradições perdidas, monumentos demolidos, efemérides... e, sobretudo, o aspecto de entes queridos que partiram ao encontro da Verdade.



Alcobaça -1920

Da primeira metade do século passado, são muito poucos os testemunhos iconográficos que ficaram desta esconsa aldeia minhota, por isso se tornam tão preciosos. Essa avareza deve-se a uma série de factores, que seria demasiado prolixo aqui explicar. Para além de todos esses factores, que o leitor possa suspeitar, existe um menos conhecido: o bizarro costume de queimar as fotografias que fizessem lembrar o finado – não tenho explicação para este hábito.



Emila Alves & Oliveiros Rodrigues
1981

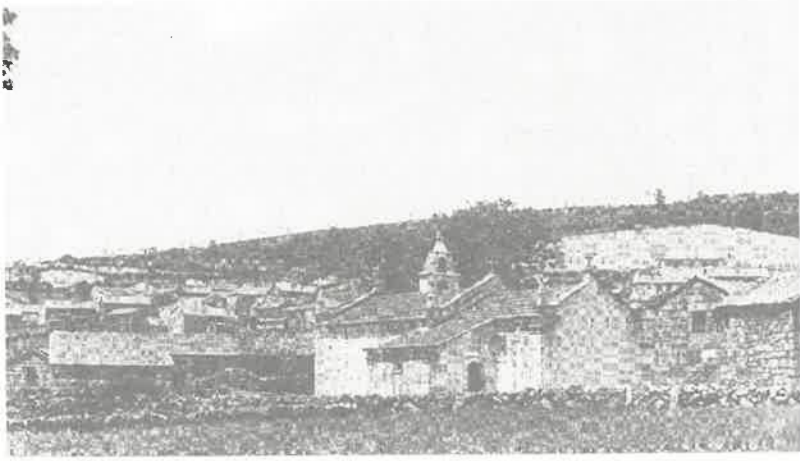


Colmeias 1990

A recolha dessas preciosidades escondidas é tarefa árdua e muito pouco grata – nem a lente do famoso profissional Rocha Peixoto, quando por aqui passou no início do século, dirigindo-se a Castro Laboreiro, se interessou por Lamas de Mouro – pelo menos nada encontrei no seu espólio guardado no museu Nogueira da Silva, em Braga.



Restos Românicos da
Igreja de Lamas de Mouro.



Igreja de S. João Baptista de Lamas
de Mouro - 1961

Durante a época de Verão, no Parque de Campismo de Lamas de Mouro, estiveram expostas algumas fotografias antigas, subordinadas ao tema "Imagens do Século Passado", que aqui reproduzimos.

Apelo -> se alguém tiver imagens deste género e quiser colaborar connosco na sua divulgação, por favor, contacte a direcção deste periódico, ficar-lhe-emos imensamente gratos e comprometemo-nos a devolve-las na integra.

ETNOGRAFIA & FOLCLORE – ETNOGRAFIA & FOLCLORE

Cozer o pão

O pão que se confeccionava nos velhos fornos comunitários, alimento quotidiano de todas as famílias das nossas aldeias, é hoje um produto difícil de encontrar. O aparecimento das padarias, a par da melhoria das condições de vida, fez com que o hábito de cozer a broa ficasse perdido. Já são poucas as pessoas que conhecem bem esta arte, razão pela qual vale a pena recuar no tempo e recordar como tudo se passava.

A primeira preocupação de quem queria cozer uma fornada começava por deixar o *senal* (normalmente um pano velho atado a um pau) à porta do forno, para assegurar a vez. Todos entendiam e respeitavam a hierarquia e cada um que quisesse reservar a vez colocava o seu *senal* por baixo do último.

Se os *foles* estavam vazios então era preciso moer algum centeio (ou milho). Todas as famílias tinham direito a algumas horas por mês num dos chamados moinhos de herdeiros, mais uma manifestação necessária das vivências comunitárias que caracterizavam esta comunidade de antanho.

O dia fixado para cozer era um dia de trabalho em cheio. Antes do amanhecer já os feixes de lenha estavam à porta do forno e a lide começava de imediato para não se darem atrasos. Lume aceso, água no pote, estava tudo pronto, podia-se começar a preparar a massa. Peneirava-se a farinha sobre a *masseira*, juntava-se a água já quente, sal (uma mão-cheia de sal por cada broa) e fermento (fermento caseiro confeccionado na

última fornada) e então, amassava-se com vagar para que tudo ficasse bem ligado.

Depois de bem espremidas as mãos para nada se perder, formava-se uma bola de massa, polvilhava-se com farinha, cobria-se com um pano limpo e uma manta (para conservar o calor) e deixava-se a levedar durante algumas horas (cerca de três horas).

Era costume proferir uma prece para assegurar que a massa crescia correctamente e de acordo com a tradição:

S. Vicente te acrescente
S. Levede te levede
S. João te faça pão

Quando a massa tardava em levedar era prática comum cobri-la com uma peça de vestuário de homem (normalmente uma boina ou uma jaqueta) previamente aquecida, ou então, espetar-lhe uma agulha (com um fio de linha para não se perder no meio da massa). Se, pelo contrário, a massa estava lêveda, mas o forno ainda não tinha aquecido o suficiente, então metia-se no meio da massa a *ferrea* com o cabo voltado para cima, ou um copo ou uma garrafa com água fria.

Finalmente quando o forno estava bem quente e a massa lêveda faziam-se as broas, mais ou menos altas consoante as necessidades de espaço e enforavam-se. De cada fornada tirava-se uma porção de massa que cozia nas brasas e depois era repartida pelas crianças que sempre acudiam – era a "*petela*"

Também nesta fase se recorria à

providência divina, não fosse alguma coisa correr mal, e estragar todo um dia de trabalho. Com a pá e algumas brasas, desenhava-se sobre as broas uma cruz ao mesmo tempo que se repetia:

Cresça o pão no forno

E a Graça de Deus pelo mundo todo

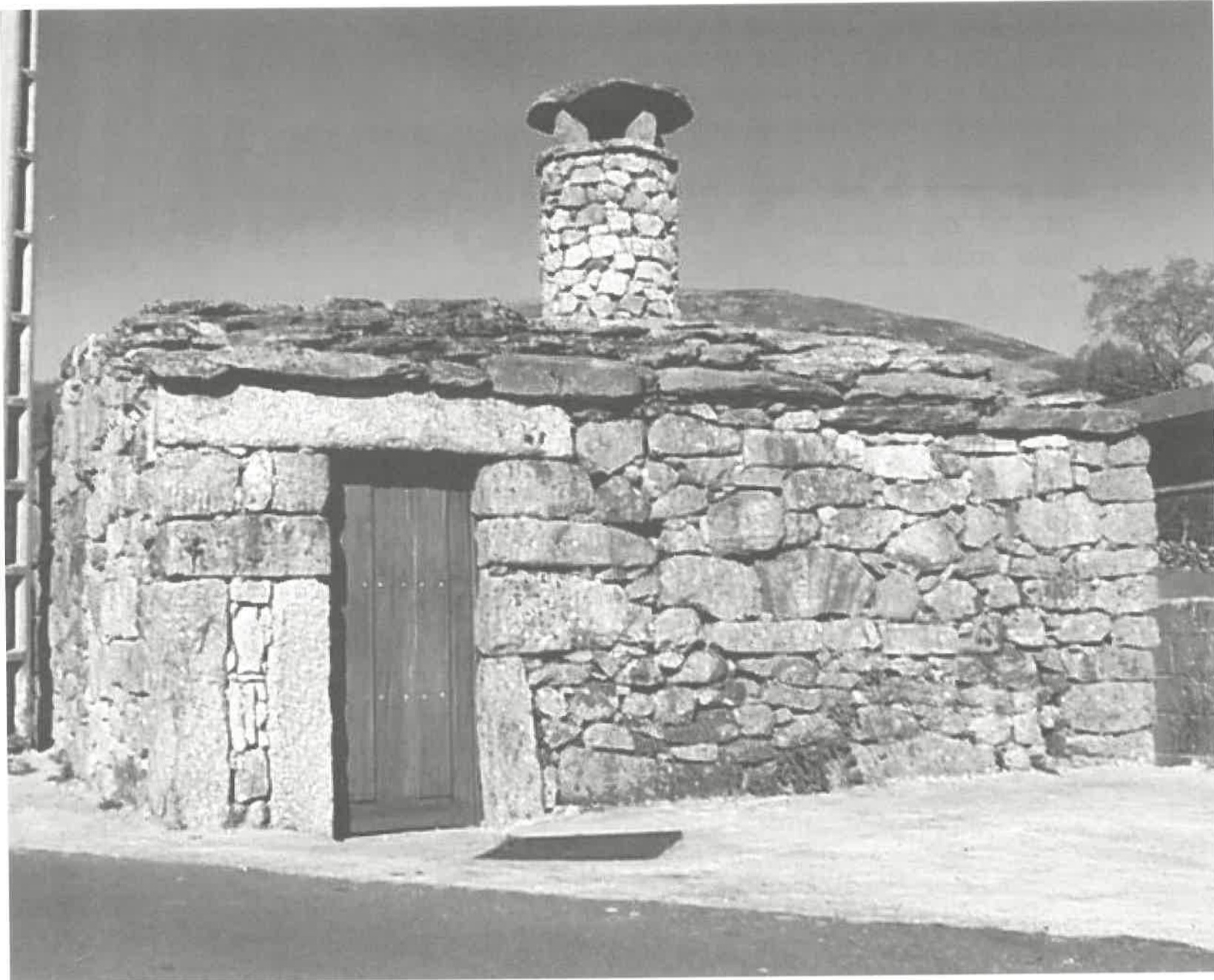
E os malfeitores, que Deus os converta

Finalmente assentava-se a porta no forno, barrava-se com excremento de vaca (bosta) para impedir qualquer fuga de calor e, então, era esperar. O tempo de cozedura ditava-o a experiência, se fosse pão milho não se abria a porta antes de fazer as três horas, às vezes só se tirava depois de ceia. Para o seu transporte, até ao aposento familiar e acomodação no respectivo *cambeiro*, eram vulgarmente utilizados os *ladrais* do carro de bois.



Desde os tempos mais remotos, que o pão se converteu no alimento essencial e insubstituível desta comunidade montesinha e suas circunvizinhas, apresentando-se hoje como um produto insubstituível da gastronomia regional melgacense, constante nas feiras anuais dos produtos regionais deste concelho e merecendo o apanágio do seu concurso. Por tudo, aqui fica uma referência documental histórica às broas de Lamas de Mouro, carregada do tombo da sua igreja, elaborado no recuado ano de 1785, que registou esta passagem do velho livro de usos e costumes da freguesia:

*“Falecendo algum freguês desta freguesia, sendo cabeceira da casa ou pessoa herdada ou que tenha bens castrenses ou quase castrenses, ainda que seja filho famílias, tendo o macho catorze anos e a fêmea doze, é costume pagar por cada um dos acima ditos, de obrada, no dia do corpo presente, **uma broa e meia de pão** meio cabaço de vinho, um tostão de carne um carneiro de dois anos capaz, ou seiscentos*



reis por ele, e três candeias de feira de palmo, e por cada um dos acima ditos ofertam treze meses, a saber todos os domingos em que levam em uma cesta **um vintém de pão**, um quartilho de vinho, dez reis de carne e um palmo de feira; far-se-á por cada um dos acima ditos, três ofícios de nove lições, com os padres que cada um deixa em seu testamento, e no que se acomodam com o Reverendo Pároco sendo abintestado, e aos ditos padres se lhe paga de esmola a duzentos reis. e ao reverendo Pároco se lhe dá além dos duzentos reis em cada um dos ofícios, um vintém da missa cantada, e **broa e meia de pão**, um tostão de carne, e meio

cabaço de vinho, e só no primeiro ofício se lhe dá mais um carneiro”

Para finalizar, alguns provérbios populares ao pão:

Pão pela cor, vinho pelo sabor.
Pão que veja, vinho que salte,
queijo que chore.
Pão que sobre, carne que baste,
vinho que falte.
Por carne, vinho e pão, deixa tudo
o que te dão.
Pão de centeio, melhor no ventre
que no seio.
Pão do vizinho tira o fastio.
Pão de taberna não farta nem
governa.
Fraca é a padeira que diz mal do
seu pão.

Com pão, baila o cão se lho dão.
Com pão e vinho, anda caminho.
Não há mau pão com boa fome.
Quando há fome, não há pão mal
feito.

Saboroso é o pão duro, quando
não há mais nenhum.

Vale mais pão duro que figo
maduro.

Vale mais pão duro que nenhum.
Vale mais um pão com Deus que
dois com o diabo.

Vale mais pão hoje que galinha
amanhã.

Caldo sem pão nem no inferno
dão.

Lágrimas com pão ligeiras são.

Quem dá o pão dá a criação.

Quem dá o pão dá o pau.

Quem quer o filho ladrão tira-lhe
o pão.

Fidalgo sem pão é vilão.

De mau grão, mau pão.

Em ano de pão, guarda pão.

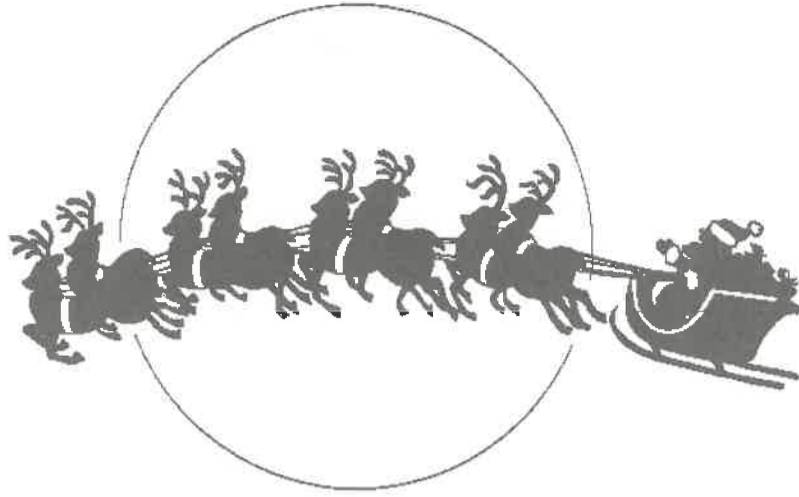
Onde há pão, há ratos.

Casa onde não há pão, todos
ralham e ninguém tem razão.

Nem mesa sem pão, nem exército
sem capitão.

Fraca é a mesa que não deixa
migalhas.

Migalhas também é pão.



O Jornal Porto dos
Cavaleiros, deseja a
todos os seus Leitores:



[Catarina A. Domingues]

INFORMAÇÕES ÚTEIS:

Sede da Junta de Freguesia Lamas de Mouro
Tel. 251 465 616

Parque de Campismo Lamas de Mouro
Tel. 251 465 129

Câmara Municipal de Melgaço
Largo Hermenegildo Solheiro
4960-551 – Melgaço
Tel. 251 410 100
Fax. – 251 402 429

Bombeiros Voluntários
Largo Hermenegildo Solheiro
Tel. 251 402 599

G. N. R.
Bairro Senhora da Graça
Roussas
Tel. 251 402 346

Centro de Saúde
Av. Fonte da Vila
Tel. 251 402 337

Farmácias
Durães
Praça da República
Tel. 251 402 249
Dias Ferreira
Rua Rio do Porto
Tel. 251 403 312

Táxis
Praça Amadeu Abílio Lopes
Tel. 251 404 027
Praça da República
Tel. 251 404 004